Espaço em Revista
ISNN:1519-7816 v. 18, n. 1, jan/jun. 2016. p. 71-79

AS RURALIDADES NA ESCOLA MUNICIPAL QUIRINO DE MORAES EM ITUIUTABA (MG)

Marcos Flávio Alves Leite[1]
mrcsflavio5@hotmail.com

Franciele Amaral Rodrigues dos Santos[2]
ars.franciele@hotmail.com

Resumo: O trabalho que tem como tema a Educação do Campo, consiste em analisar as ruralidades presentes na Escola Municipal Quirino de Moraes, localizada no meio rural do município de Ituiutaba, MG, Brasil. Antes da realização da pesquisa de campo, realizamos estudos bibliográficos referentes à Educação Rural e a Educação do Campo bem como na análise da narrativa da diretora da escola. Para visualização das ruralidades presentes no aspecto físico, foram tiradas fotos da escola e seus arredores. A entrevista foi cedida e autorizada pela diretora colaboradora. Concluímos que as ruralidades presentes na escola estão arraigadas muito mais em seu espaço físico, pois diferentemente da proposta da Educação do Campo, o ensino é apenas um arremedo da cidade e nem sempre é levado em conta a identidade rural dos estudantes que passam por lá.
Palavras-chave: Educação Rural. Educação do Campo. Meio rural.

THE RURALITIES IN QUIRINO DE MORAES SCHOOL IN ITUIUTABA (MG)

Abstract: The article that has as its theme the Rural Education, is to analyze the ruralities present at the Municipal School Quirino de Moraes, located in the rural area of Ituiutaba, Minas Gerais, Brazil. Before to the field research, we conducted bibliographic studies on the Rural Education and Camp Education and the analysis of the school's principal narrative. For viewing the ruralities present in the physical aspect, they were taken photos of the school and its surroundings. The interview was assigned and authorized by the collaborator director. We conclude that the ruralities present at school are rooted much more in your physical space because unlike the Camp Education proposal, teaching is only a copy of the city and is not always taken for granted for the rural identity of the students who pass through there.
Keywords: Rural Education. Camp Education. Geography.

1 Introdução

Segundo Leite (1999), a educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores. Não se constituiu, historicamente, como um espaço prioritário para uma ação planejada e institucionalizada do Estado. Em 2003, com a instituição do Grupo Permanente de Trabalho e Educação do Campo – GPTE, pelo Ministério da Educação é que se processou levantar instrumentos para a construção de uma política pública de educação que leve em consideração as demandas da população do campo. O GPTE, sobre o descaso do estado em relação à educação do rural denuncia:

> A concepção de que o meio rural é um espaço de atraso foi fortalecida a partir da primeira metade do século XX, com o surgimento de um

[1] Graduando do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal.
[2] Graduanda em História Bacharel e Licenciatura pela Universidade Federal de Uberlândia.

> discursomodernizador e urbanizador, que enfatizava a fusão entre os dois espaços, urbano e rural, por acreditar que o desenvolvimento industrial, em curso no Brasil, faria desaparecer dentro de algumas décadas a sociedade rural. Segundo a ideologia da modernização, "o campo é uma divisão sociocultural a ser superada, e não mantida". (BRASIL, 2005, p. 8).

No atual cenário, evidenciamos no espaço rural brasileiro dois diferentes paradigmas de educação: paradigma da educação rural e o paradigma da educação do campo. Segundo Silva e Costa (2006), o primeiro, apoia em uma visão tradicional do espaço rural do País e não propõe a fazer inter-relações emergentes da sociedade brasileira, nem incorporar as demandas trazidas à sociedade por movimentos sociais e sindicais. O paradigma da educação do campo concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso à terra e pela oportunidade de permanecer nela. Concebe a diversidade dos sujeitos sociais. Reconhece a importância da agricultura familiar ao levar em consideração a diversidade do campo brasileiro.

O debate sobre a educação do campo, no âmbito do estado de direito, como demanda e estratégia de luta pela emancipação e cidadania dos sujeitos que vivem ou trabalhem no campo, vem ganhando espaço. As estratégias visam colaborar para a formação das crianças, jovens e adultos em direção a um desenvolvimento sustentável regional e nacional. Assim, as propostas têm como princípio a valorização dos saberes que a população rural produz nas suas experiências cotidianas, e a agenda de trabalho, para discutir e subsidiar a construção de uma política de educação do campo, passando a incorporar o respeito à diversidade cultural.

A partir desta reflexão sobre a história da educação no meio rural algumas questões tornaram-se necessárias: De que forma estão presentes as ruralidades nas escolas do meio rural? Para além do espaço físico, como o ensino da escola rural se diferencia do ensino do espaço urbano? A educação rural tem suas características próprias ou é apenas um arremedo da cidade? As atividades escolares são flexíveis de acordo com o cotidiano rural dos alunos? Dessa forma nas próximas linhas temos o objetivo de refletir sobre as ruralidades presentes em uma escola localizada no meio rural. O texto está organizado em quatro momentos. No primeiro apresentamos a perspectiva metodológica. No segundo, registramos o espaço da Escola Municipal Quirino de Moraes. No terceiro, refletimos sobre seus saberes e suas práticas, ou seja, se o ensino tem suas características próprias do rural ou se é um arremedo da cidade. No último, apresentamos algumas considerações sobre o estudo feito *in loco* sobre as ruralidades (ou ausência delas) na escola supracitada.

2 Sobre a educação no meio rural

Outras possibilidades para a escola rural começaram a ser pensadas de acordo com uma perspectiva crítica. Iniciativas diferentes, situadas no campo da educação popular, da política, da educação de jovens e adultos, passaram a exigir maior participação do Estado no meio rural brasileiro. Essas discussões acentuaram-se com o debate e a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que estabelece no artigo 28:

> Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:
> I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
> II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
> III – adequação à natureza do trabalho çna zona rural.

Para em empreender estudos sobre a educação no campo no Brasil, recorremos a diferentes autores e a documentos produzidos pelo Grupo Permanente de Trabalho e Educação no Campo (2005). Ao afirmarem que a educação, como um direito social e uma política de educação do campo, requer o reconhecimento da necessidade de ruptura com a dicotomia rural/urbano, compreendemos que é preciso impor novas relações baseadas na horizontalidade e solidariedade entre campo e cidade. O campo é, acima de tudo, espaço de cultura singular, rico e diverso. Assentimos com o Grupo Permanente de Trabalho e Educação no Campo (2005), ao defender os seguintes princípios pedagógicos: o papel da escola 1) é formar sujeitos, e isso deve articular-se a um projeto de emancipação humana; 2) é valorizar os diferentes saberes oriundos da diversidade dos sujeitos no processo educativo; 3) é reconhecer os diferentes espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem, pois a educação no campo ocorre tanto em espaços escolares quanto fora deles; 4) é vincular a escola à realidade dos sujeitos; 5) é ter a educação como estratégia para o desenvolvimento sustentável; 6) é desenvolver a autonomia e a colaboração entre os sujeitos do campo e o sistema nacional de ensino.

Em relação à educação no meio rural, entendemos que foi historicamente relegada a espaços marginais nos processos de elaboração e implementação das políticas educacionais na realidade brasileira. As construções culturais hegemônicas do meio urbano tende a inferiorizar estereotipar e segregar as identidades e subjetividades do meio rural. Da mesma forma a identidade rural dos jovens estudantes é deturpada, quando o serviço oferecido pela escola rural se torna apenas um arremedo da cidade desconsiderando suas características próprias de seu espaço. Segundo Arroyo:

> O campo é visto como uma extensão, como um quintal da cidade. Consequentemente, os profissionais urbanos, médicos, enfermeiras, professores estenderão seus serviços ao campo. Serviços adaptados, precarizados, no posto médico ou na escolinha pobres, com recursos pobres; profissionais urbanos levando seus serviços ao campo, sobretudo nos anos iniciais, sem vínculos culturais com o campo, sem permanência e residência junto aos povos do campo. (ARROYO, 2007. p. 37).

No Brasil há muitos problemas com a educação, principalmente no meio rural. Os currículos dessas escolas, geralmente, são reduzidos aos limites geográficos e culturais da cidade, negando-se a reconhecer o campo como um espaço social e de constituição de identidades e sujeitos. A escola rural é como o arremedo da cidade, porém sem as mesmas condições inclusive em um meio completamente diferente. O cotidiano das salas de aula permite uma interpretação de mundo e a construção do conhecimento, dessa forma permite a compreensão da realidade na qual os alunos estão inseridos. Nas práticas educativas prevalecem a homogeneidade, a objetividade e a uniformização, portanto existe apenas um caminho, uma metodologia em algo que é dicotômico, já que o currículo usado na escola rural é arremedo da cidade e os protagonistas deste cenário que são os alunos são do meio rural.

Pensar em educação do campo é pensar em estratégias que ajudem a reafirmar identidades rurais. Nesse sentido, o governo brasileiro instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação básica das Escolas do Campo, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação em 3 de abril de 2002. É fundamental que a educação pense no desenvolvimento levando em conta os aspectos da diversidade, da situação histórica particular de cada comunidade, os recursos disponíveis, as expectativas, os anseios dos que vivem no campo. Se faz necessário romper com a visão de que o campo é um espaço atrasado, de ignorância, sem cultura, sem vida, sem identidade. E perceber que o modo de vida dos jovens estudantes, os marcadores culturais em escolas do meio rural se desenvolvem em meio às relações de circularidades com a vida urbana. A partir dessas colocações vamos analisar como funciona a educação na escola objeto de nossa investigação e como é tratada a questão da identidade rural dos jovens que frequentam essa instituição.

3 Nosso objeto de investigação

Levando em consideração as reflexões feitas sobre educação rural escolhemos a Escola Municipal Quirino de Moraes. As investigações tiveram como referencial metodológico a abordagem qualitativa de pesquisa educacional. Primeiramente buscamos através de narrativas reflexivas a caracterização do ensino no meio rural. Após a caracterização da

educação no meio rural, fomos conhecer a escola. O seu espaço, seus agentes, suas perspectivas e suas mazelas. Na pesquisa de campo, utilizamos câmera fotográfica para registro do lugar e entrevista transcrita por meio uma visita *in loco* feita à em um dia letivo. Optamos pela fonte oral para analisar o objeto estudado. Nesse caso foi entrevistada a Diretora Madalena.

Foto 1 - Fachada da Escola Municipal Quirino de Moraes.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

Foto 2 - Rodovia ao Lado da Escola Municipal Quirino de Moraes.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

A Escola Municipal Quirino de Moraes está localizada na zona rural de Ituiutaba-MG, na Fazenda Materinha, Km-76. A instituição é chama pelos moradores ituiutabanos de Materinha, pois o espaço foi doado pelos donos dessa fazenda. Atualmente a escola Materinha atende 93 estudantes, sendo que no início do ano contava com apenas 67 e funciona apenas no período matutino. De acordo com a diretora Madalena essa oscilação é devido ao trabalho ofertado nas usinas e fazendas próximas a instituição, pois a mobilidade de emprego faz com que as crianças tenham que acompanhar seus pais para outras fazendas mais distantes. A escola oferece dos anos iniciais ao 9º ano do Ensino Fundamental. Há no momento apenas uma sala mista. Para Madalena o lugar é de fácil acesso por estar em uma rodovia, não precisa pegar estrada de terra para chegar até lá. Ao contrário de outras escolas rurais do município.

Ao saírem da escola rural no 9º ano, os alunos são encaminhados para Escola Estadual Coronel Tonico Franco, localizada na cidade de Ituiutaba. Acontecem também ao contrário, alguns alunos saem do meio urbano para a escola rural. É o caso de alunos filhos de pais que trabalham em fazendas e fica mais próximo que eles estudem na Escola Municipal Manoel Alves Vilela. Alguns alunos trabalham no campo antes de ir para a aula e escola não possui flexibilidade de horários para facilitação da permanência deles, já que dependem do transporte escolar que deve cumprir o horário pré-estabelecido. Mesmo que previsto por lei, LDB 9394/96 que permite considerar a identidade do campo. A escola tem autonomia de flexibilizar o calendário de acordo com as atividades rurais, trabalho, porém as condições

dispostas não permitem tal flexibilidade. Esse é um dos motivos que também causam a evasão de alguns alunos.

Foto 3 - Espaço para construção de uma Quadra Esportiva.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

Foto 4 - Vista da Rodovia.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

A escola Materinha é cercada por fazendas, um ambiente completamente rural inserido num panorama vegetal do cerrado. A escola conta com uma infraestrutura razoável, o que falta é mais atenção das autoridades cabíveis mais zelo pelo lugar, a fim de ofertar aos alunos o mínimo de conforto e incentivo para frequentar a Escola.

Foto 5 - Pátio de Recreação.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

Foto 6 - Refeitório.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

A escola possui amplo pátio e é usado para a recreação dos alunos. A cozinha da cantina funciona para fazer as refeições dos alunos que é ofertada três vezes ao dia: café da manhã, lanche e almoço. Quando o programa Mais Educação está em vigência, aumenta para quatro.

A merenda escolar chega a escola por meio de licitação e a quantidade da demanda é contada por aluno. Segundo Madalena, há uma parceria com os pais que trabalham com a

agricultura familiar. Ela tem a liberdade de complementar a merenda com mais frutas, verduras e hortaliças orgânicas.

Foto 7 – Capela Imaculada Conceição Aparecida da Comunidade.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015).

Há uma pequena capela no espaço da escola, porém no momento está desativada. Mas segundo a diretora Madalena, quando está funcionando são celebradas missas e reúne toda a comunidade. Para ela é importante conseguir fazer a capela se reativar para aproximar os pais dos alunos da escola. Madalena diz que quer isso o mais rápido possível pois pretende realizar cerimônias de casamento para pais de alunos que ainda não oficializaram a união na igreja.

A escola conta também com uma sala com computadores, porém não são usados, muitos estão com defeito. As imagens abaixo mostram o lugar em que os alunos praticam as atividades das aulas de educação física, em quadra improvisada pelo professor. Segundo Madalena já faz um bom tempo que a construção da quadra foi aprovada pela prefeitura, mas ainda não há previsão de quando começará a ser construída.

Foto 8 - Quadra de Esportes.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015)

Foto 9 - Vista Fachada e Quadra de Esportes.



Foto: Marcos Flávio Leite (2015)

Há incentivo por parte dos docentes para que os alunos tentem ingressar no Instituto Federal, já que lá possui o ensino técnico com princípios agrônomos para os estudantes. Madalena diz ser importante incentivá-los ao trabalho do campo. A escola possui o ensino regular, não é um colégio agrícola. As vezes conta com alguns projetos. Entre eles: Mais ecologia, Mais Educação, Compostagem (os alunos já fazem), a diretora Madalena diz que há pretensão de se fazer um trabalho com horta e jardinagem e que aguarda a parceria da UFU.

4 Considerações finais

Ao término do trabalho aprendemos como desenvolvem o processo de ensinar e aprender história em escolas localizadas no meio rural. Compreendemos que estudos e investigações sobre a "educação do campo" constituem-se em grande desafio investigativo. Infelizmente nossas poucas escolas que ainda sobrevivem no nosso espaço rural não possuem ferramentas capazes de possibilitar uma educação de qualidade. Ir a campo e fazer o estudo de caso da escola rural permitiu a aproximação com a realidade do lugar. Percebemos que o modo de vida dos jovens estudantes, os marcadores culturais em escolas do meio rural se desenvolvem em meio às relações de circularidades com a vida urbana. Como constatamos faltam coisas pequenas que podem caracterizar ainda mais o colégio, como atividades que aproximem os alunos da terra, já que essa relação faz parte de sua identidade enquanto sujeito do campo.

A ausência de atividades voltadas para pequenas culturas como hortas, desenvolver jardinagem na própria escola é uma forma de descaso com as particularidades do lugar. Isso é mais uma certeza que o campo tem suas particularidades e ser um arremedo da cidade não afirma a identidade dos jovens estudantes. Associar esses elementos do campo no cotidiano da escola rural é uma forma de reafirmar a importância do homem no campo e ao mesmo incentiva os alunos a desenvolver a agricultura familiar como atividade rentável, reforçando a importância da atividade para a economia local, além de valorizar produtos naturais sem insumos. Temas como sustentabilidade deveriam ser *slogan*para a educação rural, pois dessa forma seriam propostas novas gerações de agricultores que poderiam contribuir melhor com o meio ambiente no futuro. Pensar em educação do campo é pensar em estratégias que ajudem a reafirmar identidades do campo, dessa forma acreditamos que ainda há oportunidade de se mudar o rumo do futuro dos alunos do campo, e proporcionar a eles um ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagne (Org.). **Por uma Educação do Campo**. p. 7-18. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação – **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação – Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. **Referência para uma política nacional de Educação do Campo**. Caderno de subsídios, Brasília, DF, 2005.

CLANDINI, D, Jean; CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

LAUTIER, Nicole. Os saberes históricos em situação escolar: circulação, transformação e adaptação. **Educ. Real**., Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-58, jan./abr., 2011.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas: Papirus, 2012.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História PUC-SP, São Paulo: EDUC, 1997.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes. **Saberes e Práticas de Ensino de História na Educação Escolar no Meio Rural** (Um estudo no município de Araguari, MG). 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.